

## OS ÍNDICES NA PEÇA DE TEATRO: “DEUS LHE PAGUE”

---

*Isabel Dantas*

### 1. INTRODUÇÃO

Georges Mounin, num artigo “La communication théâtrale” coloca o problema: “O espetáculo teatral é comunicação ou não?” Diz que a resposta não é tão simples. Cita, em seguida, a opinião de Eric Buyssens, (1) de que os atores no teatro simulam personagens reais que se comunicam entre si; não, porém, se comunicam com o público, (pelo menos, pelo mesmo sistema).

Explica Mounin (2), que a mensagem é transmitida pela reconstituição estilizada e ampliada da experiência não lingüística que o autor quis comunicar. As palavras, as deixas, os tempos, os lugares, os participantes, tudo é restituído de um modo específico, como índices para uma interpretação que cada espectador deveria refazer por sua própria conta, como o autor o fez inicialmente para si. E acrescenta que a interpretação dos índices não tem, nem de longe, o mesmo funcionamento que a decodificação dos signos.

O espetáculo teatral é constituído geralmente de uma espécie particular de sucessão de acontecimentos, intencionalmente produzidos para serem interpretados.

Anatol Rosenfeld (3), em suas *Reflexões Estéticas sobre “O Fenômeno Teatral”* diz que no teatro as personagens e o mundo em que se situam são irreais, imaginárias, são seres puramente intencionais

---

(1). — BUYSSENS, Eric — *Semiologia e Comunicação Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1972, pp. 9-34.

(2). — MOUNIN, Georges — *Introduction à la Semiologie*, pp. 87-94. Paris, Les Éditions de Minuit, 1970.

(3). — ROSENFELD, Anatol — “Reflexões Estéticas” in *Texto/Contexto* São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

como ocorre em qualquer outra arte” (p. 29) “As personagens do espetáculo, apesar da sua concretização sensível maior do que a do texto, conservam plenamente o caráter de personagens fictícias, em comparação às reais” (p. 30) “...a metamorfose do ator em personagem nunca passa de “representação” “O desempenho é real, a ação desempenhada é irreal.” (p. 30). (A personagem). “não é “percebida” (já que é mera ficção); é apreendida por atos espontâneos da imaginação dos espectadores que passam a atribuir a eles os gestos e as palavras reais” (p. 31).

A linguagem natural possibilita a identificação de um estado psicológico, segundo as manifestações desse estado: é um índice. Os fatos nos falam: não têm intenção de colaboração.

As palavras, os tempos, os lugares, os participantes são índices para interpretar psicológica e psicanaliticamente comportamentos físicos das personagens, no teatro.

Procópio Ferreira, que interpretou o papel de Mendigo numa apresentação da peça no Teatro Casino do Rio de Janeiro, diz no prefácio da Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (4), que considera a vida “miniatura do teatro”; ele a aumenta, a embeleza e a sublima. “A vida cria o conflito; o teatro o resolve; e, nessa solução, a vida tem aumentado seu patrimônio moral”

A vida está cheia de personagens universalmente famosas, mas só depois que a arte as mostrou, é que o mundo começou a reparar nelas. “A vida na sua simplicidade é banalíssima; sem o magnetismo da arte, toda a natureza é muda”

“Toda palpitação de vida é registrada pela arte com a violência de um choque. Por isso, a arte parece antecipar-se à vida quando objetiva emoções e idéias ainda sufocadas no íntimo das consciências”

“E o seu poder de sugestão é tanto maior quanto maior for a soma de humanidade que trazer” (p. 2)

A crítica da época consagrou a peça como a maior obra de teatro produzida no Brasil, em todos os tempos, concedendo ao seu autor o título de iniciador do teatro social no país.

E a audácia na interpretação de certos fenômenos sociais e outras circunstâncias levaram Monteiro Lobato a dizer que Joraci Camargo “é o maior filósofo do nosso teatro. (p. 3)

---

(4). — CAMARGO, Joraci — *Deus lhe pague* — 21ª ed. s/d.

Conta Joraci Camargo na mesma obra, (p. 19) como nasceu a peça.

Estando em São Paulo, em 1932, notou filas imensas de mendigos de ambos os sexos e dos mais variados tipos e idades, profissionais e amadores, falsos e legítimos, desde as escadas do Teatro Municipal até a Praça da Sé, passando pelo Viaduto do Chá e espalhando-se pela Praça Patriarca.

Abordou um velho de longas barbas, conhecido da mendicância carioca, que costuma filosofar com os companheiros.

Após numerosas informações, deu-lhe o palrador, num recorte de jornal, o decreto baixado pelo Interventor de São Paulo, General Manuel Rabelo, autorizando francamente o exercício legal da mendicância.

Falou-lhe, então, da ingenuidade do pedinte paulista ou do interior do Estado, que não sabia pedir porque não apelava para coisas que comoviam, como, por exemplo, a fome.

Contou-lhe depois, os segredos da “profissão”, chegando a confessar-lhe que já não precisava apelar para a caridade pública. Nada o impedia de gozar a vida como qualquer capitalista. Muito baixo, referiu-se a “mulheres”, sorrindo maliciosamente. Nesse momento, a peça surgiu.

O autor apresenta canários e personagens que, no plano estético da expressão, são caracterizados por índices (<). No plano, porém, da comunicação velada, passam a ser índices manipulados (>) cujo, processo muitas vezes, é exposto pela própria personagem.

O enredo todo constitui uma série de *manipulação de índices*, por se tratar de uma personagem principal com duas vidas: 1) um falso mendigo, filólogo, outrora simples operário que, espoliado do seu invento pelo patrão e encerrado na cadeia, se viu mais tarde na necessidade de pedir esmola; e 2) um velho milionário, culto, que vive confortavelmente com uma linda mulher de 28 anos, a quem se impôs pela sua inteligência e sabedoria. Assim ao saber da sua verdadeira identidade, na iminência de se separarem, Nanci prefere continuar com ele, apesar da “profissão” de Mendigo e da idade já avançada.

Cria o autor diversas personagens com características externas de fisionomias, gestos, movimento, roupas, atitudes, e índices na fala, nas idéias e no comportamento. (5)

\*

## 2. ÍNDICES

### Índices Manipulados

#### ATO I

##### a) Cenário

Joraci Camargo começa por *situar* a cena ao *anoitecer*, “antes de ser iluminada a cidade”, “à porta principal e monumental de uma velha *igreja*”, ponto estratégico dos mendigos, porque é a hora em que pessoas piedosas ou necessitadas vão ali orar e certamente abrirão a bolsa para dar esmola. O templo se denuncia pela “*luz morta*” do seu “interior”. Em seguida, mostramos algumas personagens que caracteriza através de manifestações sociais e psicológicas, externadas por roupas, fisionomia, gestos e movimentos.

Entram na igreja: uma senhora *de luto tranquilamente*, um senhor *sereno*, uma jovem *agitadíssima*, *olhando para os lados*, um mendigo de cinquenta anos, “*barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas*, em suma, uma *cabeça* que despertaria a atenção dos pintores renacentistas”, “*chapéu de feltro, velho e esburacado, sem fita, em forma de saco*”; “*paletó de casemira, preto, esfarrapado, bem amplo, com os enormes bolsos cheios, volumosos; calças também escuras remendadas*” à la diable, “*botinas velhas deixando ver alguns dedos sem meias*” Traz um pau tosco, que lhe serve de bengala e um maço de jornais amarrotados. (Estes últimos índices são manipulados porque se trata de um falso mendigo)

E’ o próprio autor que nos informa a respeito da manipulação, quando diz que o mendigo “vem andando com o desembaraço que lhe permite a saúde de uma velhice bem nutrida”

Ao avistar um rapaz que entra em sentido contrário, *simula instantaneamente e com muita prática um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento*; e, apoiando-se na “bengala”, procura sentar-se a custo sobre os jornais que atira no primeiro degrau da escada, ao mesmo tempo que retira o chapéu e estende-o ao rapaz.

---

(5). — CRUZ Osmar Rodrigues — *O Teatro e a sua Técnica*. São Paulo, Edição da Livraria Teixeira, 1960.

Acrescenta Joraci Camargo com ironia: “que o mendigo apanha a moeda com o chapéu tão habilmente como um pelotário apanharia uma bola na cesta” E, depois de dizer! “*Deus lhe pague*”, “olha para dentro da igreja e para os lados, para então *ajeitar* melhor os jornais, a “*bengala*” e o *chapéu*, *tomando posição* cômoda e definitiva para o “*trabalho*”

Agora nos põe diante dos olhos outro mendigo, utilizando os índices anteriores, não, porém manipulados pela personagem, que é, na peça, realmente um mendigo! “*mesma idade, mesmos farrapos, mas de aparência pior, porque revela um grande abatimento físico. É mesmo esquelético e faminto.*” “(Tira do bolso *umalatinha cheia de pontas de cigarros, abre-a e oferece*)”

“O senhor que entrara na igreja, sai, *visivelmente preocupado, agitado, indeciso*” “É o Vieira de Castro, presidente do “Consortium” das fábricas de tecidos, *milionário*”

Por meio do Mendigo, o autor interpreta a atitude desse homem, aflito, “*procurando igrejas a esta hora da noite*” “*Um momento de contrição religiosa de um milionário*” “significa” “Egoísmo”, “Luta entre eles”, “Miséria”!

\*

#### b) Mendigo

Joraci Camargo constrói a personagem do *Falso Mendigo*, (o Velho), inspirado num pedinte carioca que encontrara em São Paulo e que, ao ser interrompido, logo lhe foi “dando serviço”

E’ um homem culto que, quando não está esmolando, no seu luxuoso gabinete de capitalista, vestido com “robe-de-chambre”, a fumar havanas caríssimas, lê, entre outros autores, Karl Marx.

Pensava em reformar o mundo, mas compreendeu que a humanidade não precisava do seu sacrifício. Abandonou a sociedade e passou a viver, à margem da vida, apenas como espectador Tem a sua filosofia e idéias socialistas.

As desigualdades, para ele, se corrigiriam com uma nova organização. Conversar, é o seu melhor prazer da vida.

E’ muito controlado: não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha. Mas é também irônico. Destesta a mentira.

Esses traços, a psicologia dessa personagem que como mendigo não deixa de ser filósofo, seu modo de vida, tudo é revelado pela sua linguagem ou interpretado através de suas palavras. Quase sempre, porém, suas atitudes são narradas pelo autor. E’ o que se encontra, inclusive suas idéias, nas páginas seguintes.

\*

c) 1º quadro

(Falso) *Mendigo (o Velho): sua vida e suas idéias*

Não uma cigarros ordinários, po ém, *charutos*. Seus *havanás* custam 10\$000 cada um. Podia ter sido ladrão, mas sempre preferiu *trabalhar*. Como não lhe foi possível, resolveu pedir esmola.

Antigamente tudo era de todos, entretanto os espertalhões, no princípio do mundo, aprop iaram-se das coisas e inventaram a justiça e a polícia para prender e processar os que vieram depois; resolveram que as coisas pertencessem a eles, sem nenhum direito. Hoje os chamados donos não são fortes e continuam na posse do que não lhes pertence, garantidos pela polícia, pelas classes armadas. O número de infelizes avoluma-se assustadoramente.

Abandonou a sociedade e resolveu pedir-lhe o que lhe pertence; é um direito universalmente reconhecido.

O mendigo é um homem que desistiu de lutar contra os outros; é uma necessidade social.

Não há generosidade na esmola: há interesse. É com a miséria de um níquel que adiam a revolta dos miseráveis. Quem dá esmola pensa que está comprando a felicidade. Mas ele é caríssima. Barata é a ilusão. Os homens são ingênuos. O sacrifício é que redime; a esmola, entretanto, não é sacrifício, é sobra, é resto. Vingou-se da sociedade, que o obrigou a pedir, enriquecendo-se. A sociedade é defeituosa; o mendigo, logicamente, deveria ser pobre. Todavia, realmente pobres são os ricos, porque pobres de espírito, de tranqüilidade, de fraternidade e até de dinheiro, por vezes.

O lucro maior não é a maior quantidade de dinheiro que sobra. No comércio ou na indústria, quem ganha mais precisa gastar mais.

Cobra o que a sociedade lhe deve: tanto quanto deveria caber-lhe, se houvesse uma divisão "*camarada*"

Às vezes, está tranqüilamente em sua casa, na *biblioteca*, trajando um dos lindos "*robes-de-chambre*", quando recebe telefonema urgente do seu secretário para que vá esmolar, pois tem um serviço organizado.

Costuma ler *Upton Sinclair*, *Karl Marx*. Foi um pobre operário com a cabeça cheia de sonhos e os braços em constante movimento. Ao chegar às portas da fortuna, elas lhe foram fechadas, não pôde entrar.

\*

d) 3º quadro

Foi preso e condenado a seis anos de prisão celular como assaltante, por tentar recuperar os desenhos e instruções sobre seu invento que o patrão roubara.

Depois de um ano, compreendeu que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis, como a chuva, o vento, a tempestade, o dia e a noite. As desgraças são também inevitáveis. É a vida.

Viver é raciocinar. O raciocínio é o supremo bem da vida. Quem raciocina não sofre. A sociedade vai sofrer, porque não raciocina. Admite os vícios e as virtudes, que não fazem parte da vida. Amor, ódio, saudade, egoísmo, honra, caráter e a própria caridade, da qual vivemos, são fantasias que andam por aí, dificultando a vida que é tão simples. Viver é só respirar, comer, beber e dormir. É a própria natureza que nos dá tudo. Por isso abandona a vida complicada pelos outros. Vive à margem. É um espectador da luta, não conviva desse banquete.

\*

e) *Conversa do mendigo com outro explicando a sua manipulação de índices.*

"*Esta roupa, que recebi como esmola, visto-a há vinte e cinco anos. Substituí-la por uma nova, seria desmoralizar a minha profissão...*"

"*Obrigado a comer os restos de comida que os outros me davam...*"

"*... outras despesas, como cinemas, teatros, esportes e certos luxos que me pareceram inconvenientes para um mendigo*"

... ..  
(Quando pedir esmola) .. "*fale em fome, sempre onde não haja pão ou comida*", "*para que eles lhe dêem dinheiro*"

... ..  
"Especializei-me em transeuntes e portas de igrejas em dia de missa de defunto rico. Leio os jornais. Pelos *anúncios*, calculo a *féria do dia*"

"Hoje é o dia do encerramento do mês de Maria. "A igreja está repleta, *oitocentas e cinqüenta pessoas*"

"... recebo telefonema urgente. É o meu secretário, avisando sobre uma *boa missa, um excelente casamento, uma festa popular*, onde há maior número de generosos. "

"A solteirona é um grande amigo do mendigo. Quando a gente diz: Deus lhe pague", ela vê logo um lindo rapaz caindo do céu por descuido. Mas é preciso que, *ao pedir*, a gente tenha um *certo sorriso de bondade e malícia nos lábios*. É uma esperança de casamento.. "

"Comerciante fálido dá *pouco*" "Namorado dá *dois mil réis*" "Noivo dá *dez tostões*" "Pecadores, em geral, dão *níqueis*. "

\*

f) *Cenário do tablado*

*Situação: Gabinete pobre, com móveis simples de sala de jantar. É noite, pois uma lâmpada comum pende de um fio. É hora de jantar, porque Maria prepara a mesa.*

O autor apresenta as personagens também caracterizando-as por manifestações sociais e psicológicas, externadas por roupas, fisionomia, atitudes, gestos, movimentos e até pela linguagem.

Maria, a esposa, está feliz *cantarolando*. *Veste-se com simplicidade*, usa *coque e chinelos*. *Limpa as mãos no avental* para cumprimentar o patrão do marido. *Limpa, ainda, com o avental*, uma cadeira para ele, o senhor, sentar-se. É simples e respeitosa pois *não lhe pergunta quem é*, “porque o senhor está tão bem vestido” e não sabe “se é falta de educação perguntar”

Como é simples e, mais do que isso, simplória, diz-lhe que é hábito dos seus apertar “a mão das pessoas” e “o senhor não o fez”

Informa-o, de que Juca, o marido, lhe contara: “O senhor tem cara de chimpanzé! — Pensava que o senhor fosse “milionário” e andasse com roupas de ouro. chapéu de ouro” (É também sonhadora)

— “O senhor acha que ele (o marido) pode ficar rico?”

— “Pois eu vou mostrar ao senhor!” sai e volta com um canudo de lata, onde estão os desenhos e explicações de um novo tear que o marido inventou, reduzindo o número de operários de 100 para 1. Entrega-o ao visitante, embora lhes fosse recomendado não mostrá-lo a ninguém.

Quando lhe diz que, se o marido brigar com ela, poderá ir morar num palácio, ter vestidos de seda, jóias e outras coisas mais, revela-se: “— Então, não faz mal que ele zangue comigo?”

Indiscreta, conta ao marido o ocorrido, inclusive as promessas de riqueza.

Referindo-se ao senhor, o identifica: “O diabo! Aquele homem era o diabo.

Enlouqueceu.

— “Aqui está o meu palácio! Como é bonito! Está vendo a escadaria de

diabo”

mármore?”

— “Não me rasgue o vestido de seda!”

— “Olha o diabo! Foi ele que me deu este palácio!”

(Maria sai, de busto erguido e ares importantes).

Entra, depois, com uma toalha de mesa amarrada à cintura, arrastando, como cauda, outros trapos, traz um chapéu de homem, com uma pena de espadador, à cabeça.

Esteve no hospício durante muitos anos, convencida de que era a mulher mais rica do mundo.



Entra um senhor *bem posto, com ares importantíssimos*. Na sua ambição de enriquecer, vai explorando a ingenuidade de Maria, dialogando com ela, fazendo-lhe perguntas, promessas, mentindo-lhe, enfim. Sorri sempre, sem se trair. É um dissimulado. Ensina-a a fingir.

— “É um homem feliz, o seu marido! Onde está ele”

... ..  
— “Só vendo. ” (o aparelho).

... ..  
— “Não, só vendo.. ” (o que escreveu)

... ..  
— “E como escreve bem!” (lendo o segredo das lançadeiras).

— “Mas você deve guardar isto direitinho e nunca mais mostrar a ninguém”

... ..  
— “E não diga ao seu marido que me mostrou esses papéis”

(*Risonho, mimando-lhe o queixo*) “Se um dia ele brigar com você, você irá morar num palácio. terá vestidos de seda. jóias, um lindo “coupé” para passear. ”

— “Você deve fingir que não sabe de nada, deve-lhe *dar muitos beijos* para que ele não desconfie!”

Entretanto, com Juca, seu marido, mostra-se prepotente, constrangendo o operário a submeter-lhe os atos:

— “Não se esqueça de que sou seu patrão!”

... ..  
— “Transferindo o invento para mim, convencido de que não o poderia explorar”

... ..  
— “ que em pouco tempo você seria milionário. à minha custa. ”

... ..  
— “Foi preso agora mesmo, porque pretendeu assaltar-me para roubar, quando estava no meu carro!”

— “E será processado como ladrão!”

Juca, o operário, procura apagar-se diante do patrão.

— “Um aparelhinho sugerido pela preguiça de um operário cansado...”

... ..  
— “Peço-lhe que me dispense (de sentar). Ficarei constrangido diante do patrão.

\*

### g) Quadro 3

(É uma linda mulher elegantíssima que se dirige para a igreja, procurando alguém)

O outro mendigo diz:

— “Deve ser muito rica. *Deu-me dois mil réis.*

Esta personagem é caracterizada pela fisionomia, atitude, roupa, gesto e movimento, através de manifestações sociais.

## ATO II

h) Manipulação de índices contada pelo mendigo ao outro mendigo.

— “*E nem deve contar!*” (a fêria).. “É por isso que alguns se tornam suspeitos”

— “Fui somando, à proporção que caía. ”

“Os transeutes não devem ver o produto de uma colheita”

— “no chapéu, devem estar sempre à vista alguns níqueis: é o “index”

— Deve deixar *duas ou três pratinhas*” Vendo só níqueis; o transeunte não dá pratas.

Referindo-se aos políticos, diz:

“Porque trocar a *falsa humildade do mendigo* por outra humildade que deve ser cada vez mais aperfeiçoada. se quiser “vencer”... na vida. ”

Continuando o seu diálogo com o outro mendigo, narra-lhe:

— “Um dia cheguei *ao quarto que tenho alugado para vestir este “uniforme”* e estava tão cansado que *adormeci sobre a esteira*” “É um *cortiço muito sórdido*”

O mendigo fala de um rapaz com as “qualidades indispensáveis a um mendigo e todas as condições físicas: “*Magro.. rosto encovado. olheiras... cabelos louros e finos*”

\*

## f) Cenário do quadro

É um gabinete luxuoso, com “*divã*”, “*mapples*”, “*fumoir*”, “*abat-jour*” *de pé*, etc.

Ali se encontraram duas personagens, que vão ser descritas, durante a noite, pois o rapaz consulta o relógio-pulseira que marca *quatro horas* e ele acrescenta ser madrugada. A mulher está de *quimono*.

Péricles da Silva é moço elegante, da alta sociedade, onde desfruta grande prestígio.

O autor apresenta-o por manifestações exteriores: atitudes, gesto, vestimenta, fisionomia:

“Tem maneiras muito finas e gestos de requintada elegância. Traz o chapéu na mão e o sobretudo no braço. Vem alegre”

Nanci, be' o exemplar de mulher, altiva, às vezes, mimosa, em outras ocasiões. Veste um lindo quimono. (já apareceu no quadro 3 do I ATO).

Antes de retirar-se, despedindo-se, o jovem *beija as mãos de Nanci*. Propôs levá-la, para viver com ele, falando de sua *posição social definida* e de seu brilhante futuro. Oferece-lhe uma situação na sociedade.

Mas é nervoso e covarde. Já estava no parque, para sair, quando o Velho entrou. *Volta*. Ao defrontar-se com ele, *fica imóvel, meio nevoso*. É também ciumento, o que dá a entender pelo seu *gesto*, diante das queixas de saudade de Nanci. Senta-se *bruscamente*.

Quando o Velho lhe retira o chapéu e o sobretudo das mãos, Péricles fica *aparvalhado e medroso*”

O próprio Velho lhe censura a presunção: “No íntimo, pensa que sabe tudo”

*Receita remédio. Discute sobre política*, mas sem muita consistência. É, todavia, Bacharel em Direito.

Como quer dinheiro para fugir com Nanci, *mente ao Velho, forjando um “caso Escabroso.”*

Primeiro exige segredo. Declara ser irmão de Nanci. Diz precisar de 100 contos de réis por vinte e quatro horas. Trabalha no Banco de Crédito Agrário, como caixa. No dia seguinte, haverá balanço.

Aparecerá o desfalque de 98 contos. Pretende repor o dinheiro. *Será um pequeno engano a favor do Velho* (que é o mendigo). Então fugirá.

Enquanto aquele vai buscar-lhe o dinheiro, o jovem Péricles, embora nervoso, está alegre, pois *sorri, esfrega as mãos*.

Mente a Nanci dizendo que *quis confessar ao Velho que a amava*. Mas seria cruel e inútil...

É romântico:

“O amor é como o ar, a água e o céu! O amor é de todos!”

Nanci, a outra personagem, gosta de si mesma. O Velho a convenceu disso. Matou-lhe a ingenuidade. Mas é feliz. Ela o admira, considera-o muito inteligente. Também é filósofa. Ama a vida.

“Amar a vida é vivê-la bem”

É realista:

“Os homens sem idoneidade (financeira) não devem fazer declarações de amor”

É melhor ser velho rico do que, moço pobre”

“A vaidade sem dinheiro é cretinice. ”

“Mocidade sem dinheiro equivale a operário sem trabalho. . ”

“O amor pertence ao dinheiro e o dinheiro a meia dúzia. Para amar é preciso viver e para viver, é preciso pagar o tributo aos donos da vida!”

Ela vive com o Velho.

“o amor que vendi a esse velho” “para viver”  
“ninguém é feliz, ladrão ou assassino, por vontade própria”

\*

## J) Mendigo

Diz:

“Um homem inteligente nunca se conformará com o ordenado, por maior que ele seja! O emprego, com ordenado fixo, é ideal do homem vencido pela vida. Os cargos públicos inutilizam os homens. E, se um dia são dispensados, desorientam-se; têm pavor da vida, sem a proteção do Estado”

“Vencer na vida é conquistar posições, sem lutar. . .”

(a vida) “Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: experiência”.

“É muito melhor pensar no que a gente tem, do que ver o que vai perder um dia. ”

“Menandro, poeta grego do IV século antes de Cristo, também disse isso!”

Quando não está esmolando, está lendo.

“Ler também é esmolar. Os pobres de espírito pedem esmolas às inteligências opulentas!”

(conversar) “É o melhor prazer da vida!”

Espera sua mulher no tempo porque ela é ainda moça. Mas a sua juventude é provisória. Tem 28 anos. Tem procurado convencê-la de que deve envelhecer logo. Para isso, sugestiona-a e lhe vai modificando a mentalidade. Para que as mulheres sejam objetos raros, basta torná-las diferentes das outras. Convivendo com um espírito mais forte e deformado, seu espírito se deforma. Não a vigia, mas esgota a sua curiosidade. Se quiser afastá-la dos homens, ainda a aproximará mais.

\*

### 1) Cenário do quadro

Joraci Camargo caracteriza agora, exteriormente, o mendigo como velho milionário.

“Vem *elegantemente vestido* e é *leve como um jovem de 30 anos, não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha*”

Embora encontre pela madrugada um rapaz com Nanci, em sua casa, conserva com ambos e vai *sentar-se ao lado dela no divã, muito galante*.

Diz-lhe que quando não está em casa, está nas ruas, em contacto com os transeuntes. São os seus melhores amigos..

É amigo da multidão ... e a multidão é tudo!

No mundo, só existe, para ele, Nanci.

Com ironia, dirige-se a Péricles:

— “Rio-me de toda essa gente “chic” que passa por mim. Coitados, não sabem que já morreram... E morreram em pé”

.. .. .  
— “O senhor é Péricles mesmo?”

... ..  
— “Já o conhecia muito de nome!

.. .. .  
— “Da Grécia!”

E continua o diálogo irônico até dizer:

— “Porque o grande ateniense era apenas Péricles! E o senhor é Péricles da Silva!”

Eu devia ter notado logo que o senhor é como esses Florianos Peixotos de Castro, Ruis Barbosas de Almeida e Joaquims Nabucos de Sousa, que andam por aí carregando nomes ilustres, inconscientemente. ”

Para humilhá-lo:

(pondo a mão, subitamente, sobre o baço, isto é, no lado esquerdo da barriga, como se tivesse sido acometido de uma forte dor).

— “Ai!Ai!”

Ao que Péricles conclui:

— “Deve ser no figado! É fácil de curar-se. É bom tomar.. ”

E lhe dá ao Velho:

— “São todos assim! Advirto-lhe, entretanto, de que o figado é aqui e eu coloquei a mão aqui, sobre o baço”

.. .. .  
— “O senhor, certamente, é dos que acham que ignorar é a suprema felicidade. O senhor sabe ler”?

Continua filosofando:

“A velhice só enfraquece os animais irracionais. porque lhes falta inteligência para substituir a força bruta. ”

Discorre sobre a civilização grega. Entretanto no campo politico, refere-se à *propriedade*. E quando Péricles lhe diz que pela maneira de falar, é comunista, responde-lhe que:

“Comunismo é palavra que quer entrar para o dicionário, com escalas pela polícia. ”

“ Comunismo é como aquele boneco da palha de que a gente tem medo, quando é criança” “ era incapaz de fazer mal.. ” Tem idéias socialistas.

m) 3º quadro

“A terra é uma grande penitenciária; só quando somos encerrados nos cubículos escuros dos cemitérios é que somos postos em liberdade.

Liberdade é felicidade e nada mais!. É mais feliz um homem condenado à morte do que um homem condenado a morrer de fome; pois este morre na miséria, inocentemente; aquele, cercado de conforto, depois de satisfeitas as suas vontades”

\*

ATO III

n) Mendigo

“São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha foi engarrafada!

*O homem é que é inimigo do próprio homem.* Inimigo de si mesmo.

*Os capitalistas não inventam nada.* Aproveitam-se das invenções dos outros.  
*Homens inúteis que se utilizam de tudo!*

Basta que se *corrijam* essas desigualdades por meio de *nova organização*.

Mas se todos dependemos uns dos outros, se os inteligentes dependem dos “burros”, é justo que aos “burros” seja dado o mesmo direito de viver.

*O capitalista vive do povo consumidor*

O operário fica privado do que produziu, mas em compensação o dono da fábrica não tem quem lhe compre a produção. A vida pára.

Ninguém pode lutar contra a força lenta e sutil dos fatos.

Todos se queixam de que a vida é falsa, todos lamentam os aborrecimentos causados pelo convencionalismo da vida, e anseiam o conforto que nos traz a verdade, mas ninguém tem coragem de violar o código do Bom Tom!. *É a única lei social que a burguesia respeita.* Obriga as pessoas a uma série de coisas horríveis, que são feitas com muito prazer...

*Os pequenos burgueses, aqueles que ainda estão morrendo de fome, vivem, exteriormente, como os ricos: comem as mesmas comidas, vestem as mesmas roupas, andam nos mesmos automóveis dormem nas mesmas camas..* Procuram imitar para causar pena a quem lhes observe o ridículo.

Os pobres de luxo, *aqueles que empenham os móveis para ir ao Municipal.* quem não passa fome e tem roupinha melhor para vestir, finge que é rico. A humanidade se compõe de miseráveis, falsos ricos falsos. (Os falsos ricos) sofrem mais do que os miseráveis como nós. sof-em, mas fingem que não sofrem. Dai a impressão de que não há necessidade de melhorar a vida.

Mentem que são felizes e que não precisam de nada, precisando de tudo.

Os homens só têm medo daquilo que não vêem.

Todas as religiões são perfeitas. Os homens é que são imperfeitos.

Todos querem resultados imediatos.

Quem é que perdoa dívidas. .? As próprias religiões são intransigentes.

O infeliz não crê em nada do que já sabe, para crer em tudo o que os outros dizem que sabem...

Convenceu sua mulher de que a felicidade dela está no dinheiro, porque porque dinheiro é que não lhe falta. Os homens devem conduzir os desejos da mulher para que tudo o que eles possam dar. Ela só deseja o que o homem lhe sugere"

\*

#### o) 2º quadro

"A felicidade é muito inteligente e sabe que o dinheiro da ilusão ou é falso ou é roubado"

Na sua vida só há lugar para uma *mentira*, a grande mentira que é a verdade da vida.

Acredita na força; no destino, não. A força é da inteligência. Viver é desejar. *Gostar da vida* é ter os desejos satisfeitos.

Achou absurdo pretender que Nanci gostasse dele, então conseguiu que ela gostasse da vida, dessa vida que só ele lhe poderia dar.

A amizade é inimiga dos instintos, por isso o que prende a mulher a ele é a certeza, a dúvida.

As grandes verdades são tão absurdas que é muito difícil acreditar-se nelas.

\*

#### p) Outras Personagens

O autor, através de diálogo, dá a entender que o *outro mendigo* sabe alguma coisa, não é ignorante.

"Li muitos livros de história, mas em nenhum encontrei a história da vida..."

... ..  
"São três (os reinos da natureza): animal, vegetal e mineral"

... ..

“Conheci uma família que *não tinha o que comer, mas da minha casa, ao lado, ouvia-se todas as manhãs barulho de garfo em prato de louça, como se estivessem batendo ovos para fazer fritada.* ”

q) 2ºquadro

Dá, também a conhecer Nanci, (de quem já falou), através do que ela diz:

— “*Quero viver muito!*”

— “*Cem contos! Meus! Só meus! Como é boa a sensação da posse sem o horror do sacrifício!*”

— “*Tenho a impressão de que sou uma lata de lixo, onde se atiram papéis sujos*”

— “*Estou sendo vítima da mentalidade que esse velho me impôs!*”

— “*Não sei refletir com a figura desse velho a orientar-me o pensamento*”

— “*Só há uma coisa eterna: é a inteligência!*” acrescentará depois. Mostra-se, ainda, Péricles mentiroso, indeciso.

— “*Venho agradecer o favor de ontem*”

(Olha para o dinheiro e para a porta. Afinal, apanha os pacotes e vai sair, quando Nanci aparece. Volta-se e deixa cair das mãos os dois pacotes)

— “*Acha que devemos aceitar a esmola que nos deu?*”

E a sua vaidade se deduz das palavras:

“*Prestígio social! Não te seduz o brilho dos salões? Não te empolga a galanteria dos homens finos?*”

De que serve a tua beleza, longe do convívio da sociedade? Que vale todo este conforto, sem a espiritualidade do “grand-monde”, que sabe fazer justiça à vaidade?”

\*

r) O próprio Velho (mendigo) conta a Nanci e

a Péricles como manipula os seus índices.

— “*Eu sou um reles mendigo de porta de igreja*”



... ..  
— “Falso mendigo”

... ..  
— “Apenas troco de roupa e ponho as barbas”

Acrescenta:

“ .é com as roupas que se consegue iludir à primeira vista”

\*

s) 3º quadro

Ao outro mendigo diz:

“ fui ao quarto mudar este “fardamento” e vim para aqui.

(Toma a atitude de pedinte. Descobre-se à passagem de um transeunte):

— “Uma esmola para um pobre velho que tem fome”

— “Uma esmola para um desgraçado que não come há três dias”

\*

t) Mendigo

O Velho aconselha Nanci a seguir Périciles, que é moço e tem prestígio social, mas está certo de que ela o procurará, dada a mentalidade que adquiriu em seu contacto de filósofo milionário.

“Se não tivesse certeza disso, não a teria deixado a sós com o rapaz”

“De longe, seria muito maior a minha influência sobre ela”

“ ..Todos os argumentos do rapaz serão inúteis diante da sugestão da minha ausência”

\* \*

\*

3. CONCLUSÃO

“A comunicação”, segundo Buyssens, “nasce da nossa intenção de influenciar os semelhantes à fim de obter-lhes a colaboração na vida em sociedade” “qualquer manifestação que fugir dessa classificação não é comunicação e, sim, *índice*” (6).

---

(6) — *Op. Cit.*, p. 11.

Encarou-se, então, a peça como obra de arte, a que dá expressão Joraci Camargo, sem nenhum compromisso de ordem política ou de qualquer outro gênero; consideraram-se simplesmente *índices*, aqueles traços que caracterizam cenários (lugares e tempos) e personagens.

Mas, continua Buyssens, afirmando que “os índices podem num ou noutro tipo de análise, servir de subsídio à análise semiológica”: estão sujeitos, no entanto, a interpretações que variam conforme a experiência e o repertório dos indivíduos que os observam” (7)

É o que vai acontecer com este tipo de enredo e de personagem, que envolve manipulação de índices.

Por outro lado, poderai considerar que existe uma comunicação velada por parte do autor na construção da história, das personagens e no desempenho dos autores. Haveria um “fingimento” com influência no auditório sem que ele percebesse a intenção. Seriam outros tantos índices manipulados.

Buyssens, porém, acrescenta que “a manifestação artística não é obrigatoriamente um ato sêmico.

Uma obra de arte pode vir a constituir um ato sêmico, se o artista quiser influenciar premeditadamente o público; mas, em princípio, está isento do *ônus comunicação*, para criar”

E Anatol Rosenfeld na obra citada, conclui que o teatro, “nascido da máscara e tendo nela o seu fundamento”, “nos fala incessantemente de máscaras, enquanto as põe e tira”

“O tema do teatro, é o próprio teatro — o mundo humano; o tema do ator, o próprio ator — o homem” (8)

Com essas considerações é que se pode compreender o sucesso de uma peça de teatro como “Deus lhe pague”

Até a 21ª edição, teve 9.524 representações, sendo 8.020 no Brasil e 1.504 no estrangeiro.

\*

#### BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, M. C. d' — *Pensamento, Código, Informação*. Porto Alegre, Editora da U.R.G.S., 1972.
- BUYSENS, Eric — *Semiologia e Comunicação Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- BARTHES, Roland — *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- CAMARGO, Joraci — *Deus lhe pague*. s/1 Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais s/d.
- CRUZ, Osmar Rodrigues — *O Teatro e a sua Técnica*. São Paulo, Edição da Livraria Teixeira, 1960.

---

(7). — *idem*.

- DUBOIS, J. e outros — *Dictionnaire de Linguistique*. Paris, Larouse, 1973.
- GUIRAUD, Pierre — *A Semiologia*. Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- MOUNIN, Georges — *Introduction à la sémiologie*. Paris. Les Éditions de Minuit, 1970.
- PIGNATARI, Décio — *Informação. Linguagem. Comunicação*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.
- PRIETO, Luís J. — *Mensagens e Sinais*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- ROSENFELD, Anatol — *Texto/Contexto*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.